

França deve ter segundo turno com Emmanuel Macron e Marine Le Pen

ELEIÇÃO NA FRANÇA



Candidatos de centro (à esquerda) e de ultradireita lideravam a disputa pela presidência, segundo projeções

Macron e Le Pen devem reeditar segundo turno

A França irá reviver um segundo turno entre o centrista Emmanuel Macron e a ultradireitista Marine Le Pen, os dois candidatos mais votados no primeiro turno das eleições presidenciais de ontem, com vantagem maior do que o esperado a favor do atual presidente, apontavam projeções. Macron, no poder desde 2017, tinha entre 27,6% e 29,7% dos votos, seguido de Le Pen, com 23,5% a 24,7%, segundo as estimativas.

O esquerdista Jean-Luc Mélenchon (19,8% a 20,8%), o terceiro mais votado, ficou de fora do segundo turno, que será realizado em 24 de abril. Até o fechamento desta edição, a apuração não havia terminado. Assim que as primeiras estimativas foram divulgadas, os candidatos de direita, ecologista, socialista e comunista pediram votos em Macron no segundo turno para impedir a vitória de Le Pen. – Não se deve dar um único voto a Le Pen! – disse Mélenchon, candidato da França Insubmissa, sem pedir votos explicitamente para o atual presidente.

Já o outro ultradireitista, Éric Zemmour, com 7% dos votos, segundo as estimativas, pediu voto para Le Pen.

Discursando para apoiadores em Paris, Macron alertou que “nada está decidido” e que o segundo turno contra Le Pen será um momento “decisivo” para a França e a Europa.

– O debate que vamos ter du-

rante 15 dias será decisivo para nosso país e para a Europa – disse Macron, elogiando a “clareza” dos candidatos derrotados, que pediram votos contra a extrema-direita e se declarou disposto a “inventar algo novo” para reunir os eleitores.

Abstenção

A votação, celebrada após uma campanha atípica, marcada pela invasão russa da Ucrânia, aprofunda ainda o declínio iniciado em 2017 pelos partidos tradicionais – socialistas e Os Republicanos (direita) –, que teriam menos de 10% dos votos no total. Tudo isso em um contexto de menor participação dos 48,7 milhões de eleitores. A abstenção situou-se entre 26% e 28,3%, segundo estimativas, entre quatro e seis pontos a menos do que em 2017 e perto do recorde de 2002 (28,4%).

Os franceses agora terão de escolher qual rumo a França irá tomar até 2027, decisão que poderia implicar mudança nas alianças internacionais se Marine Le Pen for eleita. A conjuntura internacional não é, no entanto, a principal preocupação dos franceses na hora de votar. A perda de poder aquisitivo é há meses a principal inquietação, aprofundada pelo aumento da energia após o início da guerra na Ucrânia.

Marine Le Pen apostou, assim, em se apresentar como a defensora do poder aquisitivo e das classes

populares para capitalizar o descontentamento com “o presidente dos ricos”, refletido no protesto dos “coletes amarelos” em 2018 e 2019.

O programa da herdeira da Frente Nacional (FN) propõe reduzir o IVA dos combustíveis, gás e eletricidade de 20% a 5,5%, eximir do imposto de renda os menores de 30 anos e dobrar as ajudas às mães solteiras, entre outras medidas.

Embora Le Pen tenha suavizado seu discurso para parecer menos radical, seus planos também incluem as propostas tradicionais da extrema-direita: ajudas sociais para os franceses, expulsão de clandestinos, proibição do véu islâmico, entre outras.

Já Macron, de centro, cujo governo adotou desde o fim de 2021 medidas para limitar a alta do preço da eletricidade para empresas e famílias e compensar o aumento da inflação, busca retomar em seu segundo mandato um perfil mais liberal. Sua proposta principal passa por aumentar a idade da aposentadoria de 62 para 65 anos. Além disso, propõe reduzir os impostos das empresas em quase 11 bilhões de dólares, o “renascimento” da energia nuclear e aumentar a pensão mínima.

DIÁRIOS DO MUNDO



RODRIGO LOPES

rodrigo.lopes@zerohora.com.br
@riopesreporter

Jogo duro

Desta vez, não será fácil para Emmanuel Macron. Não que em 2017 tenha sido um passeio. Mas a ascensão da extrema-direita na França acionava, em segundo turno, um botão que automaticamente colocava em marcha uma “frente republicana” para barrar extremistas. Fora assim em 2002, quando Jean Marie Le Pen, pai de Marine Le Pen, beliscou a cadeira presidencial do Palácio do Eliseu, mas foi derrotado por Jacques Chirac. O mesmo botão de pânico fora acionado quando Marine passou ao segundo turno, quatro anos atrás, com Macron.

Não há garantias de que, agora, na repetição desse cenário eleitoral, a “frente republicana”, defensora dos princípios democráticos, se forme e muito menos que tenha o mesmo poder de barrar a candidata da extrema-direita. Por vários motivos. O primeiro deles é que a própria candidata Marine Le Pen tem apresentado um perfil mais moderado, tendo deixado o discurso xenofóbico que sempre pronunciou para o outro candidato radical, Éric Zemmour, que, a se confirmarem as pesquisas de boca de urna, ficará em quarto lugar. Grande parte dos franceses já não vê Marine como ameaça à democracia.

Segundo porque Macron é governo e sofre o desgaste de cinco anos no cargo. Terceiro porque a esquerda tradicional detesta Macron, que, na presidência, adotou uma política liberal, como a reforma trabalhista, o fim do imposto sobre grandes fortunas, políticas de austeridade e redução de benefícios sociais.

Se o percentual de votação para Macron for, em 2022, maior do que no primeiro turno de 2017, quando obteve 24% (deve ser entre 28% e 29%), é preciso não esquecer que Le Pen também deve ampliar seu próprio desempenho. Cinco anos atrás, obteve 21%. Segundo pesquisa de boca de urna, deve conquistar agora entre 23% e 24%. Imaginando que os votos de Zemmour (que deve ter 7%) irão migrar automaticamente

para Le Pen, ela alcançaria, no mínimo, 30%. Macron garante, em tese, os votos da direita tradicional, os Republicanos (Valérie Pécresse), que deve ficar com 5%, o que lhe faria subir, a pelo menos 33%, que pode ser considerado empate técnico com Le Pen.

Isso torna os 20,2% dos votos da esquerda radical, de Jean-Luc Mélenchon (França Insubmissa), fundamentais para as aspirações tanto de Macron quanto de Le Pen. Some-se a fragilidade da frente republicana ao fato de um voto da extrema-esquerda não ser “natural” em Macron, um ex-banqueiro que, na visão desse setor, se preocupou, ao longo do mandato, muito mais em governar para Bruxelas do que para a França profunda, acende-se o alerta vermelho na campanha do partido Em Marcha!

Menos de dois anos depois da derrota de Donald Trump nos Estados Unidos, talvez nunca a extrema-direita, representada por uma candidata anti-establishment, com discurso nacionalista e xenofóbico, tenha estado tão perto do poder na França, um país que se orgulha de seus princípios democráticos. Também é importante destacar que, dos quatro que lideram a corrida, de um total de 12, três são extremistas, de um lado ou de outro do espectro político.

E não esqueçamos de que, assim como esquerda e direita (e seus extremos) se uniram contra Macron na crise dos Coletes Amarelos, quando da elevação do imposto sobre combustíveis, em 2018, eles podem voltar a abraçarem-se e formarem uma frente anti-Macron.

Então, o jogo está perdido para o presidente? Ainda não. Mas Macron precisa olhar para a preocupação central dos eleitores, o custo de vida. E deixar um pouco de lado, ao menos pelos próximos 14 dias, a ambição de se tornar uma nova Angela Merkel da Europa, para olhar as ansiedades do francês médio. E sobretudo manter-se no planalto, no qual subiu tardiamente no primeiro turno.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Eleição na França **Página:** 15